

RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA: REPENSANDO A SETA DENOMINADA ENQUANTO CIVILIZATÓRIA

RAFAELA SOARES VILLAR¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²; ALINE ACCORSSI³

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelasvillar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo surge a partir de uma pesquisa de conclusão de curso, a qual veio a se desdobrar em um anteprojeto de mestrado - submetido e aprovado para ter início no semestre de 2023/2, no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nesse sentido, trata-se de uma proposta inicial, ainda em processo de construção. Iremos, portanto, abordar um dos aspectos do que se apresenta até então como ideia de pesquisa, sem a pretensão de trazer resultados fechados ou discussões conclusivas, mas, sim, de indicar possíveis possibilidades para a pesquisa que irá ser desenvolvida. O trabalho de conclusão foi realizado no curso de Psicologia (UFPel) e teve como objetivo central realizar, desde a psicanálise, uma investigação sobre alguns aspectos da relação adulto criança quando invertemos o direcionamento que parece ser mais frequente neste escopo teórico, ou seja, visou discutir sobre o que o encontro com a criança pode convocar no adulto (e não o contrário). Fizemos esse movimento tomando como cena a restrição excessivamente enrijecida das brincadeiras infantis com base nas normas de gênero e sexualidade, pensando a partir das infâncias que dissidem de uma norma hegemônica.

Nesse caminho, para o mestrado, pretendemos dar seguimento à temática da pesquisa iniciada. No entanto, traremos algumas alterações para o projeto de dissertação, sobretudo metodológicas - deslocando-nos de uma pesquisa exclusivamente teórica para a ida a campo, entre outras modificações já traçadas e que ainda estão por vir com o decorrer do percurso. Tendo essa temática central em vista, pretendemos, no presente resumo, trazer uma breve reflexão acerca de um dos objetivos específicos do projeto: Tensionar a lógica binária entre os pólos “adulto detentor do saber” *versus* “criança aprendiz”, a qual parece estar presente na relação adulto e criança.

2. METODOLOGIA

O recorte de pesquisa que apresentaremos aqui consiste em uma reflexão exclusivamente teórica e qualitativa, a qual fará parte e dará subsídio aos demais passos do projeto, na intenção de traçar um aprofundamento reflexivo das questões sociais e seus significados (MINAYO, 1994). Para subsidiar o caminho metodológico qualitativo, há um diálogo entre duas propostas metodológicas: o método de pesquisa psicanalítico e a ideia de pesquisa situada. Ambos os modelos metodológicos citados presumem uma aproximação entre pesquisadoras e tema de pesquisa e, também, partem de pressupostos como a não neutralidade, a parcialidade e a implicação subjetiva das pesquisadoras para com a pesquisa (DOCKHORN, MACEDO, 2015; FAVERO, 2020; HARAWAY, 2009). Nesse sentido, apresentamos aqui um recorte que tem como pretensão trazer alguns

questionamentos e apontamentos, sem almejar a chegada em uma verdade única e replicável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos a discussão, pensamos ser importante trazer brevemente para o texto o entendimento de infância com o qual iremos trabalhar. Entendemos, aqui, infância enquanto um período que está marcado por delimitadores cronológicos das teorias do desenvolvimento e de marcos sócio-históricos-culturais, variáveis a depender do tempo e local do qual falamos. No entanto, trabalharemos, concomitantemente, com o termo infantil, o qual está localizado em um lugar diferente do que trazemos aqui como infância. Nesse sentido, parece haver uma principal diferença entre os dois termos referidos: o infantil, desde onde trabalhamos, não está circunscrito a um tempo passageiro. Enquanto a infância, após passarmos por ela, se mantém presente apenas como lembrança, o infantil, por sua vez, parece estar marcado por uma insistência na presença; ele nos acompanha ao longo da vida, constituindo-se enquanto um processo subjetivo e permanente (MEDEIROS, 2018).

No entanto, pensar a infância enquanto fase do desenvolvimento, pautada por marcos e estatísticas a serem atingidos - apesar de crucial para alguns campos do saber, como, por exemplo, a pediatria - denota um marcador com o qual gostaríamos de trabalhar ao longo de nossa breve discussão: o adultocentrismo. Esse termo refere-se a uma lógica em que se prevê a centralidade adulta nas relações e, por conseguinte, um grau elevado de passividade por parte das crianças, traçando o seguinte pólo binário: “adulto detentor do saber” *versus* “criança aprendiz” (BRAGA, ZAMBONI, RODRIGUES, 2019). Essa visão adultocêntrica, parece ser *facilitadora da e facilitada pela* lógica de poder - histórica e culturalmente subsidiada - que os corpos adultos exercem sobre os corpos infantis. Nessa perspectiva, teríamos a criança enquanto receptora passiva, impossibilitando o papel de fazer cultura e de transformar, fazer movimento. Essa lógica pode vir a produzir discursos sobre as crianças que, por estarem infiltrados, ou, como apontam alguns autores, colonizados pelo olhar adulto, tendem a desconsiderar diversas potencialidades das crianças enquanto sujeitos na cultura (BRAGA, ZAMBONI, RODRIGUES, 2019; SOUZA, SALGADO, MAGNABOSCO, 2018).

Nesse caminho argumentativo, ao pensar a infância a partir da psicanálise, abordagem na qual se ancorou parte do nosso trabalho, podemos olhar de forma um pouco mais flexível para as delimitações do período da infância - não estando tão presas a marcadores do desenvolvimento pautados em idades fixas, por exemplo; mas, ainda assim, o olhar parece seguir adultocentrado. Trazemos este aspecto ao analisarmos questões relacionadas à relação adulto-criança em termos de constituição psíquica, onde se destaca, preponderantemente, os efeitos do encontro com os adultos para as crianças e não o contrário; fator que, apesar de necessário para alguns aspectos teóricos, parece repetir o que trazíamos enquanto primazia do adulto (FREUD, 1914; FERENCZI, 1929; LAPLANCHE, 1988).

Ainda em relação a teoria psicanalítica, um aspecto encontrado frequentemente, é a ideia de que o adulto, a partir do trabalho de inserção na cultura - indispensável para o processo de constituição psíquica - ajuda a criança a se inserir nas normas civilizatórias (FREUD, 1908). Este trabalho de inserção, por sua vez, possui diversas especificidades e nuances próprias da psicanálise, que, apesar de significativas para nossa discussão, não são o foco do presente

resumo. No entanto, nos interessa aqui pensarmos nesse movimento do adulto enquanto figura central no processo do que é tido como civilizatório na relação adulto-criança. Cabe ressaltar, que ao tensionamos essa centralidade adulta, não temos a intenção de relativizar a importância desta transmissão cultural do adulto para a criança; consideramos, juntamente com os teóricos, que sem ela não seria possível construções psíquicas e sociais significativas, como, por exemplo, a constituição narcísica e algumas normativas sociais necessárias para a convivência (FREUD, 1914). No entanto, gostaríamos de questionar se, em alguma medida, no encontro adulto-criança não se dá uma troca, ou seja, se algo de constitutivo e produtor de cultura também não é despertado no adulto pela criança.

Seguindo este caminho argumentativo, ao longo da pesquisa de conclusão de curso referida no início do presente resumo, chegamos na ideia de que o adulto, diante das infâncias, parece ser convocado pelo o que abordamos acima como infantil. O infantil, desde uma leitura psicanalítica, se apresenta enquanto algo que está no campo da multiplicidade, abertura e plasticidade, ou seja, refere-se a nuances do psiquismo menos enrijecidas pelas normas sociais - possivelmente mais abertas ao outro e a diversidade; apesar de, também, justamente pela sua não afeição as normas sociais, poder se apresentar enquanto mortíferas, com aspectos agressivos (LAPLANCHE, 2014; MEDEIROS, 2018). Diante disso, pensamos ser viável apontar para a possibilidade desse despertar do infantil no adulto, quando em contato com as infâncias, se desdobrar em um processo de abertura para aspectos que também estão no campo do que é tido como civilizatório, ou seja, da (re)inserção no social e na cultura.

Nesse sentido, pensamos que a criança, assim como é “civilizada”/educada pelo outro, pode, também, ser sujeito ativo neste processo. Com isso, não pretendemos taxar a civilização ou educação de um ou de outro lado, sequer temos a pretensão de apontar para o que é ou não é civilizado a partir de um ponto estanque - entendemos, inclusive, que há sérios problemas no conceito de civilizatório por si só e pretendemos nos debruçar sobre esta questão ao longo da dissertação. Apesar disso, apostamos que há algo na infância - e no infantil - que abre espaço para fronteiras mais borradas neste processo; que há, sobretudo, uma *potência crianceira* (SOUZA, SALGADO, MAGNABOSCO, 2018), a qual pode nos convocar a fazer fissura nos processos civilizatórios, abrindo brechas significativas para a produção de cultura; sempre considerando a importância das figuras de alteridade e da presença de algumas normas.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os pontos apresentados no presente resumo, apostamos que um aprofundamento teórico, subsidiado a partir da revisão de literatura e, também, do encontro com os sujeitos de pesquisa, possa resultar em significativas reflexões acerca deste encontro entre adultos e crianças. Pensamos, também, ser possível deflagrar, ainda que em pinceladas teóricas muito iniciais, a relevância de pensarmos o protagonismo ativo das crianças nos encontros com os adultos e, nesse sentido, estarmos possivelmente mais atentas àquilo que é da ordem do infantil no adulto. Nesse sentido, parece relevante seguirmos pensando nestes aspectos como uma das facetas do trabalho de pesquisa que virá a ser desenvolvido ao longo dos próximos dois anos, resultando na dissertação de mestrado da primeira autora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Laíra Assunção; ZAMBONI, Jésio; RODRIGUES, Alexsandro. Em um mundo para gente grande, o que podem os corpos pequenos?. **child.philo**, Rio de Janeiro, v. 15, e44527, jan. 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872019000102215&lng=pt&nm=iso>. acessos em 20 mar. 2023.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.

FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-16, set. 2020.

FERENCZI, Sándor. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: Ferenczi, SÁNDOR. 1992. **Obras Completas Psicanálise IV** (pp. 47-52) São Paulo: Martins Fontes, 1992/1929

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo (L. Hans, Trad.). In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.

LAPLANCHE, Jean. **A teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, Jean. Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

MEDEIROS. Marcos Pippi de. **Poéticas do Infantil: três ensaios de psicanálise e utopia**. 2018. 124f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994

SOUZA, Leonardo Lemos de; SALGADO, Raquel Gonçalves; MAGNABOSCO, Molise de Bem. A vida pode ser escrita por linhas tortas: quando infâncias, gêneros e sexualidades interrogam o desenvolvimento. In: RODRIGUES, Alexsandro Organizador (org.). **Crianças em dissidências**: narrativas desobedientes da infância. 1 ed. Salvador: Devires, 2018. cap. 8, p. 149-166.